

O COMMERCIO DO MINHO

3.º ANNO 1875

FOLHA COMMERCIAL RELIGIOSA E NOTICIOSA

NUMERO 325

Assigna-se e vende-se no escriptorio do EDITOR E PROPRIETARIO José Maria Dias da Costa, rua Nova n.º 3 E, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia franca de porte. — As assignaturas são pagas adiantadas; assim como as correspondencias de interesse particular. Folha avulso 10 rs.

PUBLICA-SE

AS TERÇAS, QUINTAS E SABBADOS.

PREÇOS: Braga, anno 1\$600 rs.—Semestre 850 rs.—Provincias, anno 2\$400 rs e sendo duas 4\$000 rs.—Semestre 1\$250 rs.—Brazil, anno 4\$400 rs.—Semestre 2\$300 rs. moeda forte. ou 10\$000 reis e 5\$500 reis moeda fraca.—Anuncios por linha 20 rs., repetição 10 rs. Para os assignantes 20 % d'abstimento.

BRAGA—QUINTA-FEIRA 25 DE MARÇO

A Paixão de Nosso Senhor Jesus Christo.

E' chegado o tempo de lucto e lagrimas para a fiel Esposa do Cordeiro Immaculado.

A Igreja Catholica, dolorosa e triste, n'estes dias de compunção e sentimento, mostra-nos a Cruz, instrumento de supplicio para a grande Victima do genero humano.

E foi essa Cruz, levantada pela mão impia do deicidio sobre os pinaros do Golgotha, a bandeira a cuja sombra transformou-se o mundo.

Foi ella que jorrou sobre a sociedade, perdida nas trevas do paganismo, a celeste luz da verdadeira civilização.

Entre o mundo antigo que se esmorecia em ruínas e o mundo moderno que se levantava cheio de vida, apparece a Cruz, hasteada nas summidades do Calvario, como lugubre recordação do passado e doce garantia do futuro.

Synthese sublime de todas as grandes verdades, é d'ella que irradiam todas as esperanças, é de lá que fluem todas as consolações para as maiores crises da vida.

Livro sempre aberto para todas as gerações que passam, lá está como um farol seguro n'este pelago do mundo, tão revoltoso e encapellado.

E ai d'aquelle que se atrever a fechar os olhos ao que este livro ensina a todos!

Ai do que pretender dobrar este terrivel cabo da existencia na terra, sem a Cruz por guia!

A breves passos sentir-se-ha precipitado n'um abismo insondavel de dores.

Nações e povos só se perdem, quando, dominados do orgulho, fogem do caminho que a Cruz lhe aponta.

No momento em que o Filho de Deus desceu a operar o grande misterio da Redempção, o mundo esticelava-se em pedaços.

E nem a filosofia, nem a litteratura, nem a politica poderam conter a sociedade que seguia ligeira o caminho da dissolução e ruina.

Carecia de principios que a sciencia não pôde dar-lhe.

Precisava de ideias que os grandes genios não chegaram a descortinar.

E o homem, escravo de suas paixões estercia-se de soffrimentos n'um ergastulo de crimes.

Souo porém a hora solemne da regeneração.

O sangue da Victima expiatoria lava as manchas da humanidade envilecida.

E o sacrificio tremendo abre as portas de um porvir, até então appetecido, mas nunca alcançado.

Que reviramento!

Uma Cruz escorrendo sangue faz de um covil de feras uma sociedade civilizada.

O homem, abatido hontem, levanta-se hoje com toda aquella dignidade que 4 mil annos de soffrimentos e torturas lhe negaram.

Seus sentimentos que eram como as vagas enfurecidas de um mar agitado, tornam-se, n'um momento, doces e serenos como as limpidas aguas do arroio que corre mansamente.

E a Cruz, até então destinada aos maiores facinorosos, é agora a chave de ouro para os grandes interesses da humanidade inteira.

Que espantosa revolução!

Seria um filosofo que a operou?

Oh! sim, o Evangelho tambem tem a sua filosofia; mas uma filosofia sobrenatural, e divina, que não se enraisa na terra.

E' uma filosofia que vai muito além das profundas especulações do sabio.

E' finalmente a filosofia, que depois de nos haver recuperado a nossa liberdade e grandesa, nol-a salva sempre que um cataclismo social as põe em risco.

Ha 19 seculos que assim tem sido e assim continuará a ser.

Debalde os despotas da terra apoiados na força da materia, tem por vezes ten-

tado arrancar a Cruz do coração dos povos, são, elles que de lá se vão.

E n'este baloiçar continuo da sociedade, as gerações desapparecem, como as ondas que passam, e a Cruz prosegue em sua derrota civilizadora.

Que importa a espada dos Neros para deprimil-a?

Que valem as subtilesas dos sofistas para desacredital-a?

Os cresos caem, os sofistas morrem, e ella, sempre impassivel no meio das grandes commoções que agitam os povos, reaparece mais bella, como o sol da manhã após as tenebrosas sombras da noite.

Onde estão hoje todos esses poderios imensos que se leyoataram para destruir a arvore que o sangue do justo regára no Golgotha?

Desappareceram como o fumo, que a mais branda viração dissipa.

Sumiram-se nas profundezas incommensuraveis do tempo.

Mas a arvore gigante contra a qual se arremessaram com furia, lá está ainda, presidindo ás gerações que passam.

O' Cruz, ave! esperanza unica dos que soffrem!

A verdadeira policia.

O sr. ministro do reino acaba de propor ao parlamento um projecto de lei augmentando os corpos de policia civil nas cidades de Lisboa e Porto. Por este projecto é elevado o numero dos guardas dos ditos corpos, são creados dois logares de escrivães para os commissariados do Porto, que custarão actualmente 720\$ reis, e mais uns 26 logares de amanuenses para as secretarias dos commissariados de ambas as cidades, cujo ordenado importará em 6:240\$000 reis por anno.

Não discutiremos as vantagens de semelhante projecto; não perguntaremos se ha, ou não razão de queixa da parte das outras terras do reino, vendo que se faz tão avultada despesa com a policia de Lisboa e Porto, quando n'essas outras terras

quasi que se pôde dizer que não ha policia alguma.

Não abordaremos mesmo a outra questão de saber se da criação d'esses corpos de policia civil se tem tirado todo o resultado, que se devia esperar, attendendo á avultada despesa, que com elles faz o paiz; e se nas duas cidades assim policiadas a custa de toda a nação, tem com effeito diminuido a criminalidade, depois de creada a policia civil, n'uma proporção que satisfaça ainda os menos exigentes.

Sobre outro ponto versarão as nossas observações ácerca d'este objecto.

Reprimir o crime, e punir os delinquentes é na verdade um dos mais importantes deveres de todo o governo solicitado pelo bem estar do publico. Mas o crime não se evita só prevenindo-o e punindo-o; evita-se principalmente moralizando o povo, e fazendo-lhe aborrecer até a ideia do delicto.

E o que tem feito os nossos governos n'este sentido?

Primeiramente, tem attendido no provimento dos parochos, que são, ou devem ser os grandes moralisadores do povo, sómente a empenhos e patronatos, despachando individuos, que pela sua conducta são um exemplo permanente de corrupção e de immoralidade.

Depois permite que por meio das diferentes camadas sociais circulem livremente as doutrinas mais subversivas e desorganizadoras, em jornaes, em livros, em panfletos, em todo o genero de publicações, em que impudentemente se ataca a religião, base de toda a moral, se ensina a não respeitar alguma auctoridade, se sustenta a liberdade do mal, e se lisonjeia os instinctos brutos das massas, fuzendo-lhes odiar aquelles, que em nome do Crucificado lhes prégam os salutaes principios da moral christã.

Arriam-se e pagam-se 500 e tantos homens em Lisboa e Porto para vigiarem e prenderem os ladrões, e consente se que dos prelos d'uma e d'outra cidade escorram diariamente as mais corrompidas feses das doutrinas communistas e interucciona-

FOLHETIM

A MORTE E PAIXÃO DE N. S. JESUS CHRISTO.

Pendente o rosto sobre o peito anciano,
Que tinge a morte d'um cruel pallor
Vertendo sangue, que em torrentes corre,
C'os olhos frouxos que desbrilha a dor;

Cingida a fronte de cruéis espinhos,
A fronte augusta, onde o alto ceo reluz,
Eu vejo a Christo, com os beiços lividos
De agudos pregos a pender da cruz!

Ahi, nas ancias de um cruel martirio,
Sente inda as chamas do amor mais forte
No seio gelido; e ao Pai supplica
Perdão pra os impios que lhe dão a morte!

Mas turba intrene de cruéis soldados
Vosea, brame, contra o Redemptor;
Cumula insultos, zombarias, mofas,
Vertendo o vaso de infernal rancor!

Diz Elle: *Hei sede!* com suave acento,
Que a morte extingue n'um penar cruel!
Novo tormento os deicidas acham:
Chegam-lhe aos labios acetoso fel!

Então Jesus, ter-se cumprido vendo
Das Sacras Lettras toda a predicção,

Declara os homens de Maria filhos
Na fiel pessoa do querido João.

E alto bradando: *Consummatum est!*
Dirige aos ceos o seu olhar sem luz;
Ao Padre Eterno a alma innocente entrega,
E c'um sorriso expirou Jesus!

PRODIGIOS QUE ACOMPANHAM A MORTE DE J. C.

Este spectac'lo de horror
Toda a natureza chora;
E, assombrada, deplora
A morte do Creador!

Solta o ceo sentido pranto
Em longo, rouco trovão
E a noite, d'afflicção,
Sobre o sol estende o manto!

Contra a terra o mar em ira
Brame de raiva e de dor;
Quer vingar seu Creador,
Que lá no Golgotha expira.

Os rochedos de Sião
Quebram-se com duro embate;
Toda a terra se debate
Em horrivel convulsão!

Rasga o mundo o seio duro;
E dos tumulos quebrados

Fogem mil e mil finados
Da morte ao imperio escuro.

E do templo desolado,
Do raio ao roxo clarão,
Vê-se em toda a extensão
O famoso veo rasgado.

Só eu não morro de dor,
E permaneço insensivel,
Vendo caso tão horrivel:
Expirar meu Salvador?!

STABAT MATER DOLOROSA.

Gemia a Mãe dolorosa,
Conturbada e lacrimosa,
Soluçando junto á cruz!
Lacera-lhe o peito a dor,
Vendo morrer seu Senhor,
O seu Filho, o seu Jesus!

Que torrente de amargura
Inundou alma tão pura!
Oh grande Deus! que supplicio!
Oh que afflictivos momentos!
Ver o Filho entre tormentos
Consumar seu sacrificio!

Que dura espada de dor
Feriu seu peito de amor,
Seu maternal coração!
Que angustias e que tormentos
N'aquelles tristes momentos!
Que cruel tribulação!

Como mãe Ella sentia
Os tormentos que soffria
O seu Filho, o Salvador!
E tambem o que custava
O preço por que comprava
O ceo para o peccador!

Junto á cruz expiraria
A doce Virgem Maria
De pesar e de afflicção,
Se não tivesse gran parte
No nosso feliz resgate,
Na obra da redempção.

Que homem cruel veria
N'estes trances a Maria,
Sem chorar de compaixão!
A quem, vendo fazer morto,
E sua mãe seu conforto
Não estala o coração?

O' Virgem, ó Mãe d'encantos,
Queo juntar os meus prantos
Ao teu pranto, aos pés da Cruz:
Chora tu por teu amor,
E eu por ser peccador;
Choremos ambos Jesus!

Braga 24 de março de 1875.

J. B. da S. Ramos.

